



Jean-Charles de Ravenel
Collages

Inauguração - 21 Maio, 18h
21.05 > 28.06.2025

RF
RUI FREIRE
Fine Art

Rui Freire - Fine Art S.A. | Rua Serpa Pinto 1, 1200-442 Lisboa
www.rui-freire.com | info@rui-freire.com

Índice

1. Apresentação da Exposição
2. Texto Curatorial
3. Obras em Destaque
4. Informações sobre a Galeria
5. Informações para a Imprensa
- 6- Recortes imprensa

I. Apresentação da Exposição

Jean-Charles de Ravenel *COLLAGES*

Entre o passado e o presente, Jean-Charles de Ravenel recolhe telegramas imperiais, mapas esquecidos e gravuras botânicas para compor colagens manuais que respiram como “arqueologias do sonho”. Ecoando o Cubismo, o Suprematismo e o Construtivismo, cada obra condensa séculos num só olhar, transformando memória em matéria viva e convidando-nos a percorrer um labirinto poético de fragmentos.

Pela primeira vez em Lisboa, esta mostra reúne criações recentes e peças emblemáticas do artista, revelando um universo onde a erudição histórica se alia à ousadia contemporânea.

2. Texto Curatorial



Jean-Charles de Ravenel COLLAGES

Há artistas que pintam, outros que esculpem, e há aqueles raros criadores que recolhem fragmentos do mundo, reorganizando o próprio tempo. Jean-Charles de Ravenel é um desses artistas. O seu meio é a colagem, mas o que constrói aproxima-se mais de uma arqueologia do sonho: um universo onde os séculos se fundem num só olhar, onde o papel respira de novo, e onde a memória já não é linear, mas cíclica, íntima, viva.

Nascido em Paris em 1950, o percurso de Jean-Charles de Ravenel nas artes não começou com um pincel, mas com um olhar, um olhar aguçado por duas décadas no mundo das antiguidades, a procurar objetos raros, documentos esquecidos, sussurros de vidas passadas. A sua prestigiada galeria na Rue Jacob foi durante anos um templo dedicado a esses tesouros. Mas, um dia, o instinto de colecionador cedeu lugar a um chamamento mais profundo: não apenas preservar o passado, mas transformá-lo.

No seu ateliê, fragmentos da história espalham-se sobre uma grande mesa: gravuras botânicas do século XVIII, telegramas imperiais, fotografias desbotadas, convites para bailes há muito passados, mapas de mundos desaparecidos. Ravenel organiza-os não como relíquias estáticas, mas como partículas vivas de significado, movendo-os e virando-os até encontrarem o seu lugar “como notas numa partitura secreta”, diz o autor. Cada colagem torna-se uma constelação de histórias, um equilíbrio delicado entre erudição e emoção, precisão e poesia.

Embora as suas obras partam frequentemente de reproduções de pinturas icónicas do Cubismo, do Suprematismo ou do Construtivismo, Ravenel não se limita a citá-las; ele apropria-se dessas imagens, desloca-as, fragmenta-as e sobrepõe-lhes documentos históricos originais — telegramas do século XIX, gravuras botânicas, convites imperiais, para construir uma nova narrativa visual, simultaneamente homenagem e reinvenção. Não há manipulação digital no seu processo: a sua prática é inteiramente manual e tátil, feita de cortes, colagens, sobreposições físicas e justaposições intuitivas. Cada colagem é, assim, um encontro singular entre a memória impressa e a matéria autêntica do tempo, onde a reprodução artística dialoga com o vestígio histórico, criando imagens que oscilam entre a citação, a memória e a criação pura. As suas obras não são apenas imagens; são repositórios de memória, camadas de histórias que convidam o espectador a entrar num labirinto de conexões.

Apesar dos seus materiais serem retirados de épocas distantes, da Rússia Imperial, dos salões de Palm Beach, das expedições botânicas do século XIX, a sua sensibilidade é inegavelmente contemporânea. As suas composições vibram com a consciência de que a beleza não está confinada a um único momento, mas é tecida ao longo do tempo. Estar diante de uma das suas obras é vislumbrar uma dança entre passado e presente, um devaneio onde os fragmentos conversam, se contradizem e se completam.

Nesta nova série de trabalhos, Jean-Charles de Ravenel aventura-se por territórios ainda mais audazes, inspirando-se explicitamente no Cubismo de Picasso, Braque e Juan Gris, num diálogo íntimo com a decomposição da forma e a fragmentação do olhar. As suas colagens evocam os ritmos visuais das vanguardas do início do século XX, com sobreposições angulares, cortes abruptos e composições que alternam entre o plano pictórico e a profundidade ilusória. Cada obra surge como um eco contemporâneo da linguagem cubista, reinventada através da matéria histórica dos papéis antigos.

Mas o seu olhar vai além de Paris e da tradição ocidental. Ecoam também as influências do Suprematismo e do Construtivismo Russo, de artistas como Alexandre Vesnin, Ivan Puni, Rodchenko e Maiakovski, cujos experimentos visuais com a tipografia, a geometria e o espaço encontram ressonância na energia gráfica destas colagens. Jean-Charles de Ravenel absorve essa herança e transforma-a: incorpora a pureza das formas suprematistas, a audácia construtivista e a poesia revolucionária desses movimentos, criando composições onde o rigor geométrico se abre à delicadeza da memória e à exuberância da cor.

Num ecossistema imagético dominado pelo swipe e pela obsolescência on-demand, as colagens de Jean-Charles de Ravenel irrompem como palimpsestos de contra-fluxo: telegramas, mapas e gravuras oitocentistas são insetados em iconografias cubistas, suprematistas e construtivistas, e, nesse gesto háptico de corte e colagem, a superfície visual recupera densidade tátil e estratificação temporal. Ao friccionar matéria histórica contra a aceleração do agora, Ravenel implode a linearidade do presente e instaura um campo retro-futurista onde cada fragmento, simultaneamente citação e desvio, recorda que toda verdadeira inovação é um détournement da memória. Convidamo-lo a entrar neste mundo fascinante de fragmentos e fábulas. Descobrir a extraordinária alquimia de Jean-Charles de Ravenel é redescobrir o prazer do próprio espanto.

As colagens de Jean-Charles de Ravenel já conquistaram colecionadores e públicos em todo o mundo, de Nova Iorque a Los Angeles, de Palm Beach a Londres. Agora, pela primeira vez, Lisboa torna-se palco desta visão extraordinária. A exposição COLLAGES apresenta esta nova série de trabalhos, lado a lado com obras mais antigas, impregnadas de iconografia imperial, maravilhas botânicas e mapas de viagens impossíveis.

Cada colagem é um convite: olha mais de perto, sussurram. Segue os fios. Percorre os ecos. Imagina as histórias sob a superfície. Porque, nas mãos de Jean-Charles de Ravenel, a arte não é apenas uma imagem — é uma conversa entre séculos, uma meditação sobre a beleza, um lembrete de que o passado não está atrás de nós, mas dentro de nós, à espera de ser redescoberto.



Jean-Charles de Ravenel no seu atelier
Fotografia de Jonathan Becker para a Vanity Fair

3. Obras em Destaque



Jean-Charles de Ravenel

Suprematism & Fernand Léger, 2023

Collage | Colagem

65 x 85 cm

Framed | Emoldurado: 77 x 95 cm



Clockwise from Top Left :

OLGA ROZANEVA - Non-Objective Composition, 1916

FERNAND LÉGER - Three Women, 1920

FERNAND LÉGER - Three Figures with a Dog, 1920

BORIS ENDERS - Portrait of KARL LIEBKNECHT, 1919

FERNAND LÉGER - Study for the Aviator, 1920

ALEKSANDR RODCHENKO - Photo of VARVAZRA STEPANOVA, 1936

Center :

ALEKSANDR RODCHENKO - Photo of VLADIMIR MAYAKOVSKY, 1924

OLGA ROZANEVA - Non-Objective Composition, 1916



Jean-Charles de Ravenel

"Spectrum Flight" by Ivan Puni, Still Life with Letters, 1919, 2023

Collage on Paper

85 x 65 cm

Framed | Emoldurado: 95 x 77 cm



Clockwise from Top Left :

KAZIMIR MALEVICH - Suprematism, Non-Objective Composition, 1916

KAZIMIR MALEVICH - Suprematist Composition, 1917

EL LISSITZKY & KAZIMIR MALEVICH - Suprematism, Study for Curtains for the Meeting Room of the Committee to abolish Unemployment, 1919

IVAN KLIUN - Suprematist Painting, 1915

KAZIMIR MALEVICH - Untitled, 1916

KAZIMIR MALEVICH - Dynamic Suprematism (Suprematus N°57), 1916

EL LISSITZKY - Troublemaker, from figures from A.Kruchennykh's opera "Victory over the Sun", 1920-1921

KAZIMIR MALEVICH - Suprematism, 1915-1916

IVAN KLIUN - Suprematism, 1915

DAVID ZAGOSKIN - Construction 1921-1922

Center from Top to Bottom :

EL LISSITZKY - Gravediggers from figures, 1920-1921.

IVAN PUNI - Still Life with Letters, "Spectrum Flight", 1919

KAZIMIR MALEVICH - Yellow and Black, 1916



Jean-Charles de Ravenel

Black Squares - Suprematism, 2023

Collage | Colagem

85 x 65 cm

Framed | Emoldurado: 95 x 77 cm



Clockwise from Top Left :

KAZIMIR MALEVICH - Black Square, 1915

IVAN KLIUN - Untitled, 1917

KAZIMIR MALEVICH - Four Squares, 1915

ALEKSANDR VESNIN - Non-Objective Composition, 1917-1918

KAZIMIR MALEVICH - Black Square, 1915

ILIA CHASHNIK - Suprematism, 1922-1923

KAZIMIR MALEVICH - Black Square, 1929

IVAN KLIUN - Untitled, 1917

Center from Top to Bottom :

IVAN KLIUN - Untitled, 1917

VARVARA STENPANOVA - Construction, 1921



Jean-Charles de Ravenel

Juan Gris, Cubism & Grisailles, 2023

Collage on Paper

85 x 65 cm

Framed | Emoldurado: 95 x 77 cm



Clockwise from Top Left :

- JUAN GRIS - Bouteille et Couteau, 1912
- JUAN GRIS - Nature Morte à la Guitare, 1920
- JUAN GRIS - Parfum de Chypre, 1912
- JUAN GRIS - Place Ravignan, 1911
- JUAN GRIS - Place Ravignan, 1917
- JUAN GRIS - Bouteille, Verre et Pipe, 1917
- JUAN GRIS - Jarre, Flacon et Verre, 1911
- JUAN GRIS - Tête de Germaine Raynal, 1912
- JUAN GRIS - Raisin, Pomme et Couteau, 1920
- JUAN GRIS - Nature Morte au Violon, 1912
- JUAN GRIS - Moulin à Café et Bouteille, 1917
- JUAN GRIS - Place Ravignan, 1911



Jean-Charles de Ravenel

UN « VERT » DE BRAQUE, 2023

Collage

85 x 65 cm

Framed | Emoldurado: 95 x 77 cm



Clockwise from Top Left :

- Georges BRAQUE - Tête de Femme, 1912
- Georges BRAQUE - Clarinette, 1913
- Georges BRAQUE - Comptoir et Cartes, 1913
- Georges BRAQUE - Nature Morte sur une Table, 1914
- Georges BRAQUE - La Mandoline, 1914
- Georges BRAQUE - Guitare, 1913
- Georges BRAQUE - Bouteille, Verre et Pipe, 1914
- Georges BRAQUE - Violon et Pipe, 1913-1914
- Georges BRAQUE - Verre, Bouteille et Journal, 1914
- Georges BRAQUE - Nature Morte au Violon, 1912

Center, from Bottom to Top and from Left to Right :

- Georges BRAQUE - Nature Morte à la Guitare, 1912
- Georges BRAQUE - Guitare, 1913
- Georges BRAQUE - Violon et Partition, 1913



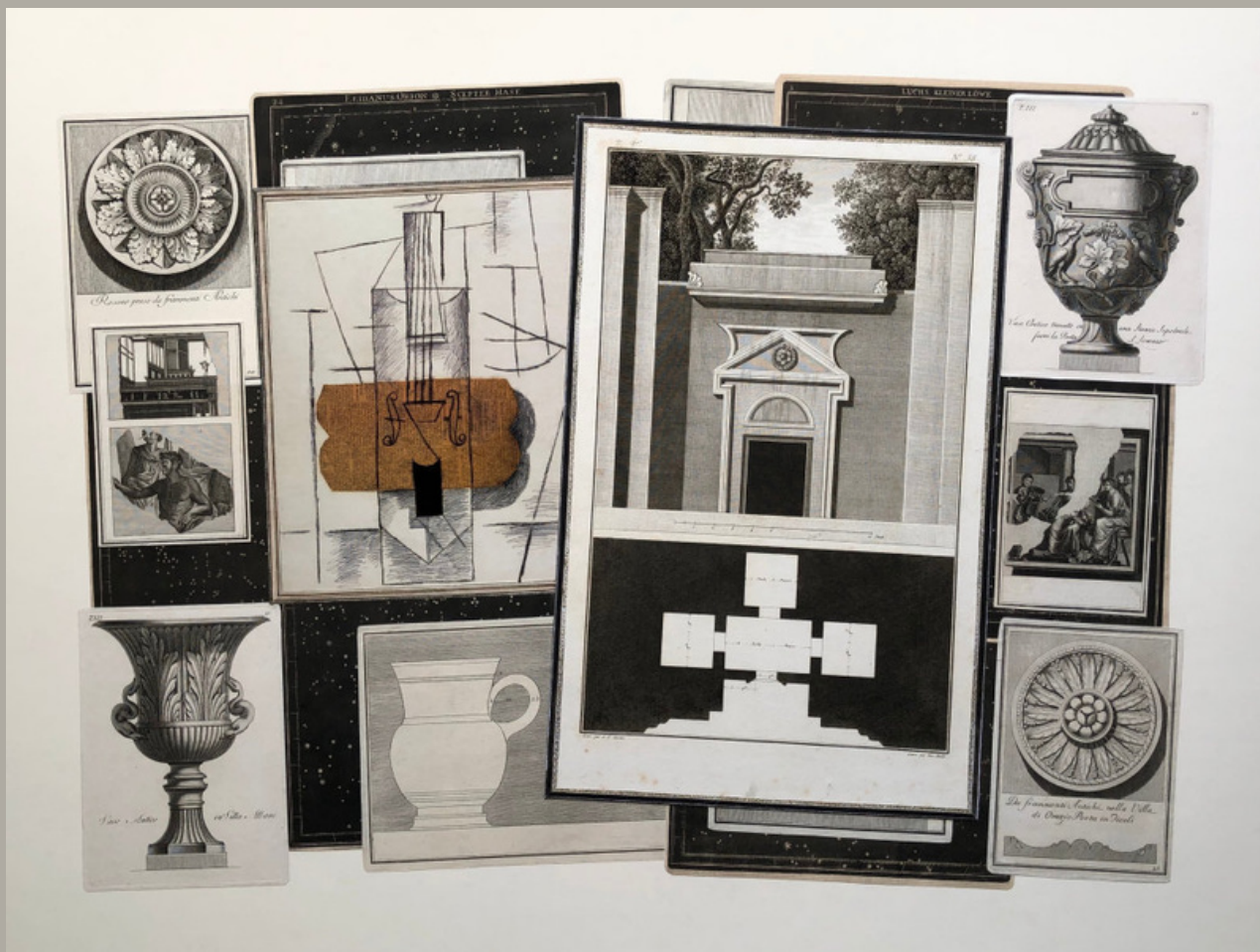
Jean-Charles de Ravenel

Songe Pompéien 1 B, 2023

Collage on Paper

80 x 100 cm

Framed | Emoldurado: 94 x 112 cm



Jean-Charles de Ravenel

Antiquity & Georges Braque I, 2023

Collage on Paper

65 x 85 cm

Framed | Emoldurado: 77 x 95 cm



Jean-Charles de Ravenel

Shells in Clubs, 2023

Collage on paper

85 x 65 cm

Framed | Emoldurado: 95 x 77 cm

Collage of original engravings from the 18th and 19th centuries and modern reproductions

4. Informações sobre a Galeria



Fundada e dirigida por Rui Freire, a Rui Freire – Fine Art é uma galeria sediada em Lisboa, dedicada à arte do pós-guerra e contemporânea. Com uma visão curatorial que alia refinamento estético, profundidade cultural e acuidade estratégica, a galeria é reconhecida pela colocação de obras de qualidade museológica junto de colecionadores privados exigentes, instituições e apreciadores de arte a nível internacional. Representa tanto artistas portugueses como internacionais, promovendo um diálogo dinâmico e consciente entre movimentos historicamente significativos e as práticas artísticas mais pertinentes da atualidade.

Fundada em 2018, a Rui Freire – Fine Art assenta na experiência sólida de Rui Freire enquanto diretor (2008–2019) e, posteriormente, sócio da prestigiada galeria Jeanne Bucher Jaeger, em Paris — uma instituição centenária cuja herança de excelência, rigor e discrição continua a inspirar os princípios e a identidade da galeria.

Desde 2019, a galeria colabora com a organização americana Parley for the Oceans, dedicada à sensibilização ambiental através da arte. Esta parceria tem apoiado intervenções artísticas de grande escala com artistas internacionalmente consagrados, como Katharina Grosse, Vik Muniz, entre outros.



5. Informações para a Imprensa

JEAN-CHARLES DE RAVENEL *COLLAGES*

21 Maio - 28 Junho, 2025

Todas as imagens:

© Jean-Charles de Ravenel, Cortesia Rui Freire - Fine Art, Lisboa

Para solicitar mais imagens de obras, vistas da exposição
ou outros complementos de informação contactar:

Pedro Miranda
pedro@rui-freire.com
T. +351 213 461 525

Horário: Ter-Sab, 14h-19h
(outros horários por marcação)

info@rui-freire.com
www.rui-freire.com



VANITY FAIR

Collage Education

Jean-Charles de Ravenel, at work on a collage composed with 18th-century peony prints, in his studio, on Lyford Cay, in the Bahamas.

BY CHRISTOPHER ONDAATJE

PHOTOGRAPHY BY JONATHAN BECKER

NOVEMBER 6, 2014



It is rather unusual to come across an artist today who uses the old technique of collage in a new creative way—the first collages were created by Georges Braque and Pablo Picasso in France in the early 20th century. Jean-Charles de Ravenel, the subject of an exhibition this month at Hollyhock, in Los Angeles, is one such artist, a titled Frenchman who lives in and works out of a studio which literally drips down from a seaside villa on an island in the Bahamas. He has not forgotten that collage found its roots in the European Dada movement as a reaction to the First World War. The method allowed artists such as Hannah Höch to challenge sexist and racial codes in turbulent Weimar Germany, and American artists such as Man Ray to solarize photomontage portraiture in the 1930s. Even the great Matisse produced staggeringly beautiful, colorful cutout works during the last creative period of his life ([currently on exhibition at the Museum of Modern Art](#)).

De Ravenel, on the other hand, although well versed in its early development, uses this powerful medium to portray moments of history such as the Hellenistic period, Greco-Roman culture, the Grand Tour, and pre-revolution Russia—mixing maps with authentic documents, mementos, stationery, stamps, photographs, and even telegrams to create the atmosphere of the era. Judgment, artistry, and taste are his weapons. He realized, too, that recording events in photo albums was a tradition kept alive only until the intrusion of the modern digital camera. Frustration led de Ravenel to re-create what the old photo album did in a way that would satisfy his aesthetic taste.

These breathtaking creations portraying people in their personal historical context have become treasured possessions of collectors such as Valentino and the de la Rentas. Symbolically, de Ravenel has been able to plunge his hand into the soul of his subjects and put together character sketches that are emotional artistic revelations. The works challenge the viewer to engage in inner scrutiny.

Amazingly, de Ravenel has shown that personal objects—sensitively molded together—are equal in expression to paint itself. It is a magnificent achievement.

Christopher Ondaatje



culture

LIFE AS ART

COLLAGE ARTIST JEAN-CHARLES DE RAVENEL MINES THE PAST WITH A CURATOR'S KEEN EYE

by Hunter Braithwaite

It would be fair to call Jean-Charles de Ravenel a throwback. His medium is collage, a practice whose heyday came in the era of Georges Braque and Pablo Picasso. His sources are engravings and photographs—the analog, shot-on-film kind—culled from such distant times and places as 19th-century Russia and Palm Beach in the '30s.

Before turning to collage, de Ravenel, who was featured in a Ralph Lauren Collection campaign a few years back, cut his teeth in the antiques world by working at the Hôtel Drouot auction house followed by 20 years running a successful antiques shop on the Rue Jacob in Paris, where he was born. “To discover objects or pieces of furniture or documents,” de Ravenel says, “that’s a passion that never really abandoned me.”

It was the discovery of a trove of 18th-century hand-colored engravings of the wives of Romanov tsars that led him on an adventure of collecting documents from that time: an invitation card to an embassy in 1910 here, an original telegram sent by the Grand Duke there. What results from this expansive tour of history is the artist’s enigmatic, compelling work in collage, as well as a restoration of the past. Since de Ravenel insists on using only original documents, there’s a chance that many wouldn’t have been seen again—having been confined to the collector’s drawers or dustbin. “It’s a way of making these things live again,” he says.



Jean-Charles de Ravenel (top left), as seen in the Spring 2016 Ralph Lauren Collection campaign



RF
RUI FREIRE
Fine Art